

Análise tipológica de posposições em línguas indígenas brasileiras

Marcos Eroni Pires¹

Resumo: Adotando os pressupostos da tipologia linguística, cujo objetivo é agrupar diferentes línguas de acordo com as propriedades que elas exibem em comum, analiso comparativamente algumas posposições em cinco línguas indígenas brasileiras, confrontando-as com o Universal 3 de Greenberg (1966), que diz que a partir de uma determinada ordem as línguas exibirão ou preposições ou posposições, e com o sincretismo comitativo-instrumental apresentado por Stolz (1996), que mostra que a maioria das línguas apresenta um mesmo item relacionador para expressar as funções semânticas de acompanhamento e instrumentalidade.

Palavras-chave: Tipologia. Línguas indígenas. Posposição. Universal linguístico. Comitativo-instrumental.

Abstract: Adopting the assumptions of linguistic typology, whose goal is to group different languages according to the properties that they display in common, I analyze comparatively some postpositions in five Brazilian Indigenous languages, comparing them with the Greenberg's Universal 3 (1966), which claims that from a certain syntactic order languages display or prepositions or postpositions, and with the comitative-instrumental syncretism presented by Stolz (1996), which shows that the majority of languages presents a single item related to express the semantic functions of comitativity and instrumentality.

Key-words: typology, indigenous languages, postposition, linguistic universal, comitative-instrumental.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio, a definição do verbete “tipo” é a seguinte: “1. Coisa que reúne em si os caracteres distintivos duma classe.” (FERREIRA, 2001, p. 710). Ora, nos estudos linguísticos, a abordagem tipológica, em um sentido amplo, procura congrega em uma unidade profunda a diversidade encontrada nas línguas naturais espalhadas por todo o mundo. Apesar de, à primeira vista, os fatos revelarem que as línguas apresentam espantosas diferenças quando analisadas superficialmente, no fundo, suas características subjacentes permitem-nos conjugá-las em um só tipo.

Este trabalho, inserido numa abordagem tipológica, procurará analisar comparativamente a categoria posposição em algumas línguas indígenas brasileiras. Como o objetivo é encontrar semelhanças entre as línguas, faz-se necessário, obviamente, estabelecer um número considerável de diferentes línguas para que se possa explorar suas afinidades. Tendo em mente a constituição de, no mínimo, uma amostra bem diversificada,

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). E-mail: dalikama@hotmail.com

selecionaram-se cinco línguas de famílias distintas, a saber: Dâw (Maku), Ikpeng (Karib), Matis (Pano), Kamaiurá (Tupi-Guarani) e Wapixana (Aruák).^{2,3}

O estudo de línguas indígenas, assim como de qualquer outra língua não-ocidental, representa um importante desafio para os pesquisadores, pois os resultados de sua análise colocam em xeque muitos pressupostos já vigentes, baseados apenas em pesquisas empreendidas a partir das línguas ditas “padrões”. Dessa forma, o pesquisador é incitado a rever muitos de seus conceitos, no intuito de melhorar a teoria com que trabalha, pois só assim terá um melhor entendimento e compreensão de todos os aspectos que envolvem as línguas humanas.

Através da comparação entre as línguas citadas, buscar-se-á confrontá-las com dois critérios discutidos na literatura tipológica: o primeiro é em relação ao Universal 3 de Greenberg (1966), que coloca que, a partir de uma determinada ordem, as línguas exibirão ou preposições ou posposições; o segundo diz respeito ao possível sincretismo entre os relacionadores comitativo e instrumental, apresentado por Stolz (1996). Este trabalho está dividido da seguinte forma: na segunda seção, discutimos como se apresenta a tipologia dentro dos estudos linguísticos; a terceira parte apresenta as abordagens teóricas em relação ao Universal 3 e ao sincretismo comitativo-instrumental; por fim, na quarta seção expomos os exemplos de posposições das cinco línguas selecionadas para o trabalho, checando-as contra os critérios discutidos na seção anterior.

2 A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

Existem aproximadamente seis mil línguas faladas no mundo, porém, este número depende muito do que se entende por língua: uma comunidade fala uma língua ou um dialeto de uma determinada língua? Como responder a esta questão está além dos limites deste trabalho, concentremo-nos na seguinte: apesar do imenso número de línguas, elas podem exibir semelhanças?

De acordo com a tipologia linguística, existe uma unidade básica que está no cerne de todas as línguas humanas, ou seja, há propriedades que são compartilhadas por elas, frequentemente referidas como os *universais linguísticos*. Sendo assim, a tipologia pode ser definida, segundo Whaley (1997, p. 7), como “a classificação de línguas ou componentes de línguas baseada nas características formais compartilhadas”, já que elas exibem padrões que ocorrem sistematicamente.

Percebe-se, pois, que uma análise tipológica não deve ser restrita à observação de um número mínimo de línguas, ou, simplesmente, uma única língua. Para uma pesquisa ser eficaz, deve-se levar em conta a análise de diferentes línguas, deve-se transcender a própria língua e estender uma apreciação criteriosa a tantas outras, isto é, deve-se ter em mente que as características formais de um determinado tipo linguístico só serão obtidas através de uma pesquisa interlinguística.

² Reconheço que minha amostra é muito pequena, contudo, atende os meus objetivos de se fazer uma comparação entre a classe fechada das posposições em línguas indígenas brasileiras de diferentes famílias. Conferir o trabalho de Rijkhoff *et alii* (1993), que discute a qualidade de uma amostra em um estudo interlinguístico e como selecionar uma amostra ideal para a análise dos mais variados problemas linguísticos.

³ Os aspectos gramaticais destas línguas foram desenvolvidos por Martins (2004) para a língua Dâw; Pacheco (1997) para a língua Ikpeng; Ferreira (2005) para a língua Matis; Seki (2000) para a língua Kamaiurá; e Santos (2006) para a língua Wapixana. A análise comparativa e os resultados obtidos são de minha autoria.

No século XIX, os estudos centrados na morfologia da língua, logo, na estrutura interna das palavras, trilharam os primeiros caminhos do que se poderia dizer estudo tipológico. Pesquisadores como Fredrich von Schlegel, August von Schlegel e Wilhelm von Humboldt focaram seus estudos no método histórico-comparativo, que, de uma forma ou outra, utilizava a tipologia a partir da morfologia, com o objetivo de se classificar os diferentes tipos de língua em uma unidade específica.

Mas foi somente no século XX, mais precisamente em 1928, que o termo tipologia foi utilizado pela primeira vez, justamente pelos linguistas da Escola de Praga. Centrados especificamente nos estudos fonéticos e fonológicos, lançaram mão do que hoje se cunhou na literatura tipológica como universais implicacionais, ou seja, relações que se mantêm entre duas características, em que algum fator decorre de um determinado traço envolvido em um determinado fenômeno, como, por exemplo, se uma língua possui vogais nasais, então ela possui consoantes nasais.⁴

Somente na segunda metade do século XX apareceu o principal pesquisador da corrente tipológica, o linguista norte-americano Joseph Greenberg. Examinado um grande *corpora* de línguas, que cobria praticamente todas as regiões geográficas do planeta, sem esquecer a afiliação genética, Greenberg (1966) estabeleceu uma lista de quarenta e cinco universais que envolvia diversos aspectos gramaticais, principalmente no que diz respeito à ordem interna de palavras, como por exemplo:

(1) UNIVERSAL 1

Em sentenças declarativas com sujeito e objeto nominais, a ordem dominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto.

Pode-se dizer que a tipologia linguística surge a partir de uma visão bem estabelecida contra os preceitos ditados pelo relativismo linguístico de Whorf (1956) e, conseqüentemente, ganha força a partir dos estudos de línguas indígenas norte-americanas, já que a comparação interlinguística se fazia necessária. Muito mais voltada para uma visão funcional da linguagem, a tipologia parte de um conjunto de elementos empíricos para o lançamento de hipóteses, nunca esquecendo a díade forma-função. (CROFT, 2003)

Na segunda metade do século XX também aparece outra corrente linguística que faz uso dos universais linguísticos, a teoria gerativa. Seriam os mesmos universais empregados pela tipologia linguística? O fundador desta abordagem teórica, o também norte-americano Noam Chomsky, delimita bem o seu campo de trabalho, colocando a sua corrente como uma visão contra o behaviorismo. Ao contrário da tipologia, o gerativismo constitui-se como um campo de estudo hipotético-dedutivo, em que se usam processos estritamente internos para as explicações, já que todo ser humano é equipado com uma estrutura inata específica para a linguagem, presente desde o nascimento, a gramática universal.⁵

3 O Universal 3 de Greenberg (1966) e o sincretismo comitativo-instrumental (STOLZ, 1996)

⁴ Os universais implicacionais constituem-se como bidimensionais e unilaterais, isto é, duas propriedades envolvidas estabelecem uma relação unívoca em que X implica Y, mas não, necessariamente, Y implica X.

⁵ Para maiores detalhes, consultar manuais introdutórios sobre a teoria gerativa, como o de Carnie (2007).

Antes de prosseguirmos, é importante levarmos em consideração alguns aspectos sobre a ordem de palavras. Em seu estudo clássico, Greenberg (1966) classificou as línguas do mundo com base na disposição entre os elementos sujeito, verbo e objeto, chegando às ordens VSO, SVO e SOV. Numa combinação simples entre esses elementos, percebe-se a falta das estruturas VOS, OVS e OSV, que logo foram provadas por diversos pesquisadores como ordens possíveis na língua. Lehmann (1973, 1978) e Vennemann (1974, 1976) propuseram uma redução desses seis tipos existentes para apenas dois, OV e VO, já que a posição de sujeito não era tão importante. Esses autores tratam as línguas VSO, VOS e SVO como subtipos de um tipo geral VO, por acreditarem que elas são similares umas com as outras e, conseqüentemente, diferentes das línguas OV, ou seja, SOV, OVS e OSV. A posição desses dois autores foi muito criticada, já que as evidências não forneciam uma afirmação clara de que as línguas SVO comportavam-se como VSO e VOS. O estudo de Dryer (1991) pretende trazer elementos que comprovem que a posição de Lehmann-Vennemann está correta, de forma que se as línguas SVO apresentam diferenças em relação às línguas VSO e VOS, elas são mínimas.

Ao longo de sua argumentação, Dryer (1991) lança mão dos termos V-inicial, para línguas em que ambos sujeito e objeto seguem o verbo, e V-final, para línguas em que ambos sujeito e verbo precedem o verbo. As primeiras evidências para a tipologia OV:VO é que se é difícil buscar universais absolutos para línguas SVO, o mesmo ocorre com línguas V-inicial, assim como, se há propriedades características de línguas V-inicial, elas também estarão presentes em línguas SVO, logo, nada impede que SVO esteja presente no mesmo subgrupo que VSO e VOS, e, por conseguinte, seja estabelecida uma tipologia OV:VO. Após a análise exaustiva de muitos fatos sintáticos, chega-se, por fim, à conclusão de que a adoção da tipologia OV:VO é perfeitamente válida para lidar com a sintaxe das línguas do mundo, assim como colocada anteriormente pelos estudos de Lehmann-Vennemann.

Tomemos agora, como base, o Universal 3 de Greenberg (1966):

(2) UNIVERSAL 3

Línguas com ordem dominante VSO são sempre preposicionais.

Conjugando o Universal 3 ao trabalho de Dryer (1991), depreende-se, logicamente, que se uma língua apresenta uma tipologia OV, ela será posposicional. Como todas as línguas selecionadas para a nossa análise possuem posposições, confrontaremos este implicacional com elas.

Em relação às preposições/posposições, vemos que, de um modo geral, elas constituem uma classe fechada nas línguas naturais, aparecendo, de acordo com cada língua, como afixos ligados a nomes ou como morfemas livres acompanhando um sintagma nominal, verbal ou de alguma outra natureza. Conhecidas também como itens relacionadores, elas podem veicular diversas informações semânticas, como locativo, direcional, benefactivo, comitativo, instrumental, alativo, elativo, recipiente, possuído etc., ou, ainda, não apontar nenhum sentido nocional, sendo vazias de significação, como demonstrado em alguns exemplos abaixo (3):

(3) a. O João pôs o livro na estante.

(locativo)

- | | |
|--|----------------|
| b. A Ana viajou de São Paulo <u>para Campinas</u> ontem. | (direcional) |
| b. Paulo deu o livro <u>ao amigo</u> . | (benefactivo) |
| c. Maria foi ao parque <u>com a mãe dela</u> . | (comitativo) |
| d. Ele cortou o pão <u>com a faca</u> . | (instrumental) |

O trabalho de Stolz (1996) discute, em particular, os itens comitativos e instrumentais, que indicam, respectivamente, funções ligadas à companhia e à instrumentalidade. O objetivo central do autor é, com base em uma pesquisa tipológica, discutir a validade da suposta preferência universal para o sincretismo comitativo-instrumental, isto é, se a maioria das línguas do mundo apresenta um mesmo relacionador capaz de expressar as funções de acompanhamento e instrumentalidade.

Stolz (1996, p. 114) parte de um famoso trabalho dos autores Lakoff & Johnson (1980), que apresentam o seguinte modelo implicacional:

(4) O UNIVERSAL DE LAKOFF-JOHNSON

“Com poucas exceções, o seguinte princípio mantém-se em todas as línguas do mundo: a palavra ou dispositivo gramatical que indica ACOMPANHAMENTO também indica INSTRUMENTALIDADE.” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 135).

Além de ser comprovado por muitas pesquisas, este universal é bastante influente na teoria da gramaticalização desenvolvida por muitos funcionalistas como Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) no final dos anos 80 e início dos 90. Apesar das crescentes pesquisas sobre o tema, Stolz (1996) afirma que nunca foi empreendida uma análise criteriosa do sincretismo entre comitativos e instrumentais, tanto que ainda há muita discussão se esses relacionadores exibem casos distintos ou, como defende a maioria dos teóricos, pertencem a uma e à mesma categoria.

O aparente debate em torno de tal sincretismo deve-se, em grande parte, pela análise apenas de línguas ocidentais, que apresentam uma comportada relação sincrética entre comitativos e instrumentais, como é o caso do inglês *with*, do alemão *mit* e do estoniano *-ga*. Stolz (1966) procura ir mais além ao enveredar para o terreno semântico e conceptual de tal sincretismo, lançando mão, por exemplo, da validade ou não da Metáfora de Companhia, que afirma que nosso sistema conceptual é estruturado pela metáfora “um instrumento é uma companhia”; o autor ainda faz uso do método interlinguístico, utilizando para a sua pesquisa uma larga amostra de 323 línguas, com o objetivo de discutir a diversidade empírica relacionada aos elementos comitativos e instrumentais nas diversas línguas do mundo.

Em sua pesquisa interlinguística, Stolz (1996) diferencia três tipos de línguas: (i) coerentes (uso de um mesmo relacionador para indicar o comitativo e o instrumental); (ii) mistas; e (iii) incoerentes (uso de relacionadores distintos para indicar o comitativo e o instrumental). Diante destes tipos, o autor observa que os fatos demonstram que a relação entre comitativos e instrumentais é muito mais complexa do que faz supor o universal de Lakoff e Johnson.

Ao longo da análise exaustiva das diversas línguas do mundo, Stolz (1996) procura reformular o universal estabelecido por Lakoff e Johnson, já que apenas no continente

européu tal sincretismo prevalece. O autor desenvolve uma ampla pesquisa geográfica, além de uma investigação sobre a afiliação genética e uma descrição de acordo com o macrofilo. A primeira revisão estabelece que as línguas usarão pelo menos duas palavras ou dispositivos gramaticais, uma para indicar acompanhamento e outra para instrumentalidade; a segunda reformulação já diz que numa probabilidade de quatro para um, as palavras ou dispositivos gramaticais na relação comitativo-instrumental são não-sincréticas; e, por fim, a terceira mudança no universal coloca que o sincretismo nas línguas é determinado por uma trama entre critérios areais, genéticos e tipológicos.

Stolz (1996) conclui, de forma geral, que os tipos de relacionadores são, de um lado, caracterizados por um comportamento sincrético divergente e, por outro, há uma relação entre parâmetros sintáticos e sincretismo de relacionadores. Faz-se necessária uma maior pesquisa acerca do assunto, de forma a verificar, através de consistentes fatos empíricos, o funcionamento de comitativos e instrumentais nas línguas humanas naturais.

3 POSPOSIÇÕES EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Assim como as preposições, as posposições constituem uma classe fechada nas línguas naturais; mas, pelo contrário, em vez de precederem, elas sucedem um elemento de natureza nominal, formando com este um constituinte pleno na oração. O objetivo desta seção é apresentar o sistema de posposições nas cinco línguas em estudo, e confrontá-las ao Universal 3 de Greenberg (1966), bem como um possível sincretismo entre algumas classes de posposições (STOLZ, 1996).

A língua Dâw⁶, de acordo com Martins (2004), estabelece duas ordens básicas, diferenciando entre sentenças assertivas, em que o sujeito ocorre antes do verbo, e não-assertivas, em que o sujeito é posposto ao verbo. De qualquer forma, temos nas duas opções uma única ordem básica, pertencente à tipologia VO, logo, a língua Dâw contraria o Universal 3 de Greenberg (1966).

O sistema de posposições em Dâw é bastante rico, sendo que algumas se originam de processos de gramaticalização de nomes ou verbos e outras parecem ser vestígios de um sistema de classificadores. Os sintagmas posposicionais tendem a ocupar a posição pós-verbal e codificam diversas relações sintático-semânticas, como locativos (classificadoras e não-classificadoras), direcionais, comitativos e instrumentais, e possuem como características morfossintáticas a incorporação aos verbos, o desempenho de funções anafóricas, a serialização e a capacidade de compor outros lexemas. Vejamos abaixo alguns exemplos:

- (5) fãmãh wòb dó? lãʃ kɛd
 NP embarcar MOV barco dentro
 ‘O Xamã embarca no barco’
- (6) tih hãm kaw wɔ? tih mɛ? díd
 3SG ir roça em 3SG mãe COMTI
 ‘ela vai à roça com a mãe dela’

⁶ O povo Dâw é composto por um grupo de menos de cem pessoas vivendo no noroeste do estado do Amazonas, à margem direita do Rio Negro; a língua pertence à família Maku.

- (7) ʃug-ũj tumʔε ʔũm wùd xud tòw hẽd
 NP-AFET Yanomámi bater FRUST pau-brasil cacete INSTR
 'ao Xugui, o Yanomámi queria acertar com cacete de pau-brasil'⁷

Como se pode perceber pelos exemplos em (6) e (7), uma posposição comitativa e outra instrumental, respectivamente, não há sincretismo entre tais relacionadores.

Analisemos agora, com base em Pacheco (1997), a língua Ikpeng⁸, que, curiosamente, não possui uma ordem básica, sendo aceita, nas orações transitivas, tanto a ordem SVO e VSO, quanto a ordem OVS – aplicando o estudo de Dryer (1991), também se pode dizer que ambas as tipologias OV:VO são aceitas.⁹

O Ikpeng apresenta uma posposição nucleando um sintagma posposicional. O SP pode ser composto pela posposição mais o objeto pronominal afixado, ou pela posposição mais o objeto nominal a ela preposto. Vejamos alguns exemplos:

- (8) ɣ-anmet-po-lĩ-ngmo muy warap
 1A3O-empurrar-CAUS-REC-COL canoa LOC:dentro
 'eu os empurrei dentro da canoa'
- (9) ugwon Ø-etpu-lĩ yay oke ge
 homem 3S3O-rachar-REC lenha machado INST
 'o homem rachou lenha com machado'
- (10) L-ineng-lĩ akari wak
 1A2O-ver-REC cão COM
 'eu vi você com o cachorro'¹⁰

Os exemplos do Ikpeng em relação às posposições comitativas e instrumentais também demonstram que a língua não possui um sincretismo.

Passemos à análise da língua Matis¹¹, com base nos estudos empreendidos por Ferreira (2005). Podem-se constatar nesta língua as seguintes ordens: SV e VS em construções com verbos intransitivos; e SOV, OSV e SVO em construções com verbos transitivos, de modo que apenas SOV pode ser considerada a ordem dominante, marcada para orações transitivas, ou seja, aquelas que pedem mais que um argumento na língua. A variação entre as ordens pode ser explicada por motivações pragmático-discursivas, como tópico ou foco. Considerando que a ordem dominante do Matis está dentro da tipologia OV, a língua está de acordo com o Universal 3 de Greenberg (1966).

⁷ Legenda: NP (nome próprio), MOV (movimentar), 3SG (3ª pessoa do singular), COMTI (comitativo 1), AFET (afetado), FRUST (frustâneo), INST (instrumental). Não serão repetidas as abreviaturas que se mostrarem idênticas para as outras línguas estudadas.

⁸ O povo Ikpeng também possui poucos indivíduos, vivendo, atualmente, próximo ao Posto Indígena Pavuru; a língua pertence à família Karib.

⁹ Uma análise mais apurada da ordem básica da língua Ikpeng está longe dos propósitos deste trabalho. Dessa forma, a aplicação do Universal 3 a esta língua necessitaria de estudos mais apurados.

¹⁰ Legenda: 1A3O (1ª pessoa sujeito transitivo, 3ª pessoa objeto), CAUS (causativo), REC (passado recente), COL (coletivo), LOC (locativo).

¹¹ O grupo se encontra próximo ao igarapé conhecido como Rio Branco, no Amazonas; a língua pertence à família Pano.

O Matis apresenta dois tipos de posposições, um que se assemelha aos afixos por ocorrerem ligados, e outro tipo que ocorre como palavras independentes, pospostos ao núcleo nominal. Alguns exemplos seguem abaixo:

- (11) atalaia-**no-wiʃ** ibi lantʃa-n tʃo-bo-k
Atalaia-LOC-INIC.INTR 1SG.ABS lancha-INSTR vir-PASS.N.REC-DECL
'eu vim de Atalaia de lancha'
- (12) tʃanpi-Ø munud-e-k Liko-**bid**
menina-ABS dançar-N.PASS-DECL Kiko-COM.S
'a menina dança com o Kiko'
- (13) americano-**n** ʃubu-Ø miduk-tap debumi
americano-POSS casa-ABS longe-ENF cabeça
'a casa do americano é longe, na cabeça'¹²

Como no trabalho de Ferreira (2005) não há nenhuma menção a posposições instrumentais, não se pode estabelecer se há ou não uma relação de sincretismo entre os relacionadores comitativo e instrumental.

Analisemos agora a língua Kamaiurá¹³, a partir do trabalho de Seki (2000). A autora observa que as orações distinguem-se claramente entre independentes e dependentes, de forma que nas orações transitivas a tipologia mais representativa é a OV, portanto, a língua Kamaiurá está em concordância com o Universal 3.

As posposições em Kamaiurá ocorrem após nominais marcados com o sufixo *-a* "nuclear", relacionando-os ao verbo ou a outro elemento da construção sintática. Elas podem ser flexionadas com os prefixos relacionais e ocorrerem com marcadores de pessoa (clíticos). Seguem alguns exemplos:

- (14) tata ats e-monyk jepupe
fogo DIM 2SG-acender/IMPER 1SG=DAT
'por favor, acende o fogo para mim'
- (15) o-y-a nite i-jo-w
3-mãe-N COM 3-ir-CIRC
'ele vai com a mãe dele'
- (16) kunu'um-a o-a'yp ipir j-a pupe
menino-N 3-cortar cabelo tesoura-N INSTR
'ele cortou o cabelo do menino com tesoura'¹⁴

Não se percebe, novamente, nenhuma relação de sincretismo entre os casos comitativo e instrumental.

¹² Legenda: INIC (iniciação do evento), INTR (intransitivo), ABS (absolutivo), PASS (passado), REC (recente), DECL (declarativo), N.PASS (não-passado), COM.S (comitativo em função S), ENF (enfático).

¹³ Constituída de mais ou menos 300 indivíduos, o povo Kamaiurá habita as imediações da lagoa Ypawu, na região dos formadores do Rio Xingu, em Mato Grosso; a língua pertence à família Tupi-Guarani.

¹⁴ Legenda: DIM (diminutivo), IMP (imperativo), DAT (dativo), N (caso nuclear), CIRC (modo circunstancial).

Por fim, analisemos a língua Wapixana¹⁵, a partir do trabalho de Santos (2006). A ordem básica exibida pela língua corresponde a SVO, em orações transitivas, e SV, em orações intransitivas, logo, temos uma tipologia VO. Sendo assim, o Wapixana comporta-se de forma contrária ao Universal 3 de Greenberg (1966), pois apresenta um sistema de posposições em vez de preposições. Vejamos alguns exemplos:

(17) ũgaɾi t-a-n-ni: sumaɾa pi-?-at
1 dar-EP-MI-NPRES arco 2-?-RECP
'eu vou dar um arco a tí'

(18) ũ-tʃiʔik-p-a-n ũ-ɖa-ɾu tɪm
1-andar-CONT-EP-MI 1-ANF COM
'eu estou andando com minha mãe'

(19) ũ-baʔi-ni: baiɾi-j iɖ
1-atirar-NPRES flecha-NPOSS INST
'eu atirei com flecha'¹⁶

Uma relação sincrética entre comitativos e instrumentais também não é percebida na língua Wapixana, já que ela exhibe posposições distintas para os dois casos.

Contabilizando o comportamento apresentado pelas cinco línguas estudadas diante do Universal 3 (GREENBERG, 1966) e das relações de sincretismo comitativo-instrumental (Stolz, 1996), podemos propor o seguinte quadro:

<u>Língua/critério</u>	<u>Universal 3</u>	<u>Sincretismo</u>
Dâw	*	*
Ikpeng	(não se aplica)	*
Matis	✓	(não se aplica)
Kamaiurá	✓	*
Wapixana	*	*

Quadro 1: Checagem das línguas frente aos critérios de análise

Como se pode perceber, em relação ao Universal 3 somente as línguas Matis e Kamaiurá obedecem ao implicacional proposto por Greenberg (1966); quanto ao sincretismo comitativo-instrumental de Stolz (1996), nenhuma língua analisada corresponde a tal comportamento.

¹⁵ Os Wapixana vivem em Roraima e na República Cooperativa da Guiana; a língua é considerada como pertencente à família Aruák.

¹⁶ Legenda: EP (epêntese), MI (modo indicativo), NPRES (não-presente), RECP (recipiente), CONT (contínuo), ANF (anáfora), POSS (possuído, posse).

4 CONCLUSÃO

A tipologia representa um importante campo de pesquisa para os estudos linguísticos, principalmente na força metodológica que utiliza, já que uma de suas proposições principais é comparação interlinguística entre línguas, logo, não basta a análise de uma língua, mas de várias, das mais diferentes famílias. Dessa forma, a linguística se beneficia de uma acurada análise descritiva proporcionada pela tipologia, pois cada vez mais diferentes línguas são estudadas.

Os implicacionais demonstrados neste trabalho não puderam ser confirmados frente às línguas estudadas. Porém, isto não invalida a pesquisa, pois a própria tipologia linguística coloca que os universais revelam tendências, e não verdades absolutas. Dryer (1991) mesmo reconhece que o número de línguas VO com preposição na América do Sul supera em apenas um as línguas VO com posposição, revelando um certo equilíbrio nesta faixa continental, a qual se ocupou esta pesquisa. Da mesma forma, Stolz (1996) mostra que o número de línguas incoerentes na América é quase o dobro de coerentes, portanto, o sincretismo não observado nas línguas estudadas neste trabalho está dentro dos padrões demonstrados pelo autor.

Contudo, é de se questionar alguns pontos epistemológicos da tipologia linguística. Citemos os primórdios da gramática gerativa: as primeiras formulações de parâmetros seguiam uma visão fenomenológica, ou seja, eram feitas análises superficiais sobre os fatos, como por exemplo, em relação ao parâmetro do sujeito nulo, as línguas *pro-drop* eram aquelas que possuíam um rico paradigma verbal; percebeu-se com o tempo, todavia, que não bastava apenas dizer isso, pois a propriedade do sujeito nulo envolve múltiplos fatores, de modo que o que licencia o sujeito nulo numa língua como o italiano, de morfologia rica, é completamente diferente do que o licencia no chinês, de completa ausência de morfologia. Na tipologia, em relação especificamente a este trabalho, talvez fosse o caso de se analisar conjuntamente diversos fatores com o objetivo de se obter um maior poder explicativo para os fenômenos estudados, pois muito mais do que o uso de preposições ou posposições em línguas OV:VO, talvez esteja envolvido muitos outros fatores, como ergatividade, elementos nucleares ou posições de elementos funcionais em relação aos núcleos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNIE, Andrew. **Syntax: a generative introduction**. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2007.
- CROFT, William. **Typology and universals**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DRYER, Matthew. SVO languages and the OV:VO typology. **Journal of Linguistics**. v. 27, p. 443-482, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Rogério Vicente. **Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical**. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2005.

- GREENBERG**, Joseph. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: **GREENBERG**, Joseph (Org.). **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1966, p. 73-113.
- LEHMANN**, Winfred. A structural principle of language and its implications. **Language**. v. 49, p. 42-66, 1973.
- LEHMANN**, Winfred. The great underlying ground-plans. In: _____ (ed.) **Syntactic typology**. Austin: University of Texas Press, 1978, p. 3-55.
- LAKOFF**, George; **JOHNSON**, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- HEINE**, Bernd; **CLAUDI**, Ulrike; **HUNNEMEYER**, Friederike. From cognition to grammar: evidence from African languages. In: **TRAUGOTT**, Elizabeth; **HEINE**, Bernd (Eds.). **Approaches to grammaticalization 1**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 149-187.
- VENNEMAN**, Theo. Analogy in generative grammar: the origin of word order. **Proceedings of the Eleventh International Congress of Linguists (1972)**. Bologna: Il Mulino, 1974, p. 79-83.
- VENNEMAN**, Theo. Categorical grammar and the order of meaningful elements. In: **JULLIAND**, Alphonse (Ed.). **Linguistic studies offered to Joseph Greenberg on the occasion of his sixtieth birthday**. Saratoga: Anma Libri, 1976, p. 615-634.
- WHORF**, Benjamin. **Language, thought, and reality**. Cambridge: MIT Press, 1964.
- MARTINS**, Silvana Andrade. **Fonologia e gramática Dâw**. Utrecht: LOT, 2004.
- PACHECO**, Frantomé Bezerra. **Aspectos da gramática Ikpeng (Karíb)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas, 1997.
- RIJKHOFF**, Jan; **BAKKER**, Dik; **HENGEVELD**, Kees; **KAHREL**, Peter. A method of language sampling. **Studies in Language**. v. 17, n.º 1, p. 169-203, 1993.
- SANTOS**, Manoel Gomes dos. **Uma gramática do Wapixana (Aruák) – Aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe**. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas, 2006.
- SEKI**, Lucy. **A gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- STOLZ**, Thomas. Some instruments are really good companions – some are not. On syncretism and the typology of instrumentals and comitatives. **Theoretical Linguistics**. v. 23, n.º 1/2, p. 113-200, 1996.
- WHALEY**, Lindsay. **Introduction to typology. The unit and diversity of language**. Londres: SAGE, 1997.

Recebido em 07/10/2009

Aceito em 07/11/2009